

E. P. THOMPSON E A TEORIA NA HISTÓRIA

Holien Gonçalves Bezerra*

Todos estes textos (de Thompson) foram, a seu modo, tanto uma intervenção militante no presente como uma recuperação profissional do passado.¹

Esta afirmação de Anderson, historiador que dialogou criticamente com Thompson durante as últimas décadas, situa com precisão o legado deste que foi um dos maiores historiadores da atualidade: militantemente intervém no presente e profissionalmente pratica a história. Duas faces de uma mesma moeda. Vale a pena olhá-la de perto, para conferir-lhe o valor.

Neste debate em que se procura destacar algumas das principais contribuições de Thompson para a construção do conhecimento histórico, procurarei, de minha parte, lembrar alguns traços biográficos do Thompson *militante*, membro de um expressivo grupo de historiadores britânicos, *teórico* de posicionamentos pessoais em relação à teoria e defensor de um *método* que coloca a história no âmbito das disciplinas respeitáveis.

Alguns dados biográficos

1924-1993: este foi o período de vida do historiador. Dentre os muitos episódios marcantes de sua existência, a guerra foi uma experiência intensa. Durante a Segunda Grande Guerra foi oficial do exército britânico, lutando na Itália e na França. Após a guerra, passa algum tempo na Iugoslávia e na Bulgária, como voluntário na reconstrução de estradas e de outras obras. Esta experiência o ajuda, como atesta, na exploração do conceito de luta popular coletiva. Retoma os estudos de literatura e depois

* Departamento de História da UFG.

1 Anderson, Perry. *Teoría, política y historia. Un debate con E. P. Thompson*. Madrid, Siglo XXI, 1985, p. 2.

de história, na Universidade de Cambridge. Desenvolve então forte gosto pela poesia. Casa-se com Doroty Thompson, historiadora e entusiasta do Partido Comunista britânico.

Antes da guerra, já havia ingressado no Partido Comunista britânico. Com a invasão soviética na Hungria, abandona o partido, juntamente com Christopher Hill e Rodney Hilton, entre outros. Não rompe, porém, com o socialismo e com o marxismo. A ruptura é com o marxismo-leninismo. Defende o *socialismo* como humanismo socialista. Não repudia o *marxismo*, mas procura libertar-se dos dogmatismos. Não repudia o *comunismo* como movimento. Se diz “comunista libertário-democrático”.

Trabalha na universidade até a década de 70, quando a abandona para escrever. Sua predileção é pela educação de adultos. Tem intenso contato intelectual com o continente americano, atuando como professor visitante em universidades da América do Norte.

Como historiador, contribui de maneira radical para os estudos de história e para a construção de sua prática. Dentre suas inúmeras obras publicadas, cito apenas quatro, que estão na base da elaboração das presentes reflexões: 1955 – *William Morris. De romântico a revolucionário, um estudo biográfico*; 1963 – *A formação da classe trabalhadora inglesa (1790-1830)*; 1978 – *A miséria da teoria: defesa da história e do materialismo histórico, frente às ciências sociais e às filosofias da história*; 1979 – *Tradição, revolta e consciência de classe: estudos sobre a crise da sociedade pré-industrial*.

É importante pontuar também a presença de Thompson em expressivas revistas de história, em cujas páginas se desenrola um rico debate: *Past & Present* (1952), *New Left Review* (1960), *History Workshop* (anos 60). As datas são do início destas publicações.

A vida política de Thompson foi constantemente marcada pela militância em torno de causas que abalavam profundamente a vida da sociedade: até 1956 é membro destacado do Partido Comunista britânico; luta de forma incansável pelo desarmamento nuclear; participa de movimentos em defesa das minorias.

Thompson e a historiografia inglesa

A historiografia inglesa tem sua trajetória vincada no liberalismo, com raízes positivistas, e uma convicta prática de individualismo metodológico.

Após a Segunda Guerra Mundial, um forte grupo de historiadores pertencentes ao Partido Comunista britânico se faz presente: Dobb, Hobsbawm, Thompson(s), Hill, Hilton, R. Williams, Genovese, Anderson. Levantam a bandeira do pensamento livre

contra o reacionarismo burguês – o racionalismo científico. Thompson e Hill abandonam o partido em 1956, permanecendo Dobb e Hobsbawm.

Harvey Kaye, em sua interessante obra sobre os historiadores marxistas britânicos (*The British marxist historians. An introductory analysis*, 1984), defende que este grupo de historiadores constrói uma tradição historiográfica e uma tradição teórica. Enquanto *tradição teórica* comum, coloca-se a problemática de um afastamento do determinismo econômico e de uma prática construtiva do materialismo histórico.

Enquanto *tradição historiográfica*, acentuaram-se algumas características básicas: estudo das origens, desenvolvimento e expansão do *capitalismo* do ponto de vista social; preocupação em desenvolver o *marxismo* como teoria para a determinação de classes, recolocando-se a *luta de classes* como sendo de importância capital no processo histórico; a história focalizada *de baixo para cima*; elaboração da teoria a partir da prática histórica; contribuição à cultura política britânica para uma consciência histórica socialista e democrática.

Há ainda a possibilidade de se considerar o grupo de historiadores britânicos caracterizados por tendência de outra ordem. Alguns dão a primazia à *ação humana*: Thompson, Hill, Willians, Genovese, que se acomodariam na categoria de nós “sócio-culturais”. Quando a primazia é dada às *estruturas*: Dobb, Hobsbawm, Hilton, Anderson são denominados “sócio-econômicos”. Trata-se de uma discussão em aberto.

Em síntese, no conjunto destes historiadores há uma clara preocupação com as experiências de resistências e rebeliões das classes despossuídas. A análise da cultura e da política britânica combina-se com a busca das raízes populares na história longínqua.

A compreensão da experiência da classe trabalhadora se dá no contexto das relações e confrontos de classes historicamente específicas. A tônica recai sobre a *experiência de classe* e sobre a *dimensão política* desta experiência – dominação e subordinação, embate entre as classes baixas e as elites. Há ênfase na oposição e rebelião – sua realidade, força, limitações. As classes baixas são participantes ativas na construção da História e na totalidade da História. Elas podem fazer história. Um claro posicionamento político.

Contribuição e posicionamentos – teoria/metodologia

A prática teórica é abrangente. Está presente em todos os gestos do historiador – do cidadão –, do *homo politicus*. A prática metodológica informa-se na teoria, e diz respeito aos procedimentos do historiador no processo de sua produção de conhecimentos históricos.

A obra e vida de Thompson distinguem e praticam as duas posturas. Interessa-nos preencher, a partir da prática do historiador, como teoria e método se confundem (fundir com) e tornam específicas as formas da história saídas das mãos de Thompson.

A “teoria” para Thompson

Thompson refuta empréstimos extemporâneos. A teoria não se situa no campo da filosofia ou de algum outro campo, mas situa-se no campo da própria história. Não há instâncias verificadoras de conceitos aplicáveis à “realidade”. Não é o “materialismo histórico”, elaborado conceitualmente por filósofos marxistas, que dará os parâmetros interpretativos da história. A posição de Thompson sobre estas questões aparece vigorosamente explicitada em sua obra *A miséria da teoria – ou um planetário de erros*, de 1978, na qual critica as colocações de Louis Althusser e defende com veemência a história como uma disciplina historicamente convalidada.

A História não depende de um corpo geral de marxismo-como-teoria, localizado fora. O terreno comum é o materialismo histórico. Não há uma Sede para a Teoria fora da própria prática do conhecimento. O recurso confirmatório está na lógica da história.²

É importante notar que a história é uma “disciplina” com procedimentos próprios que lhe proporcionam seu próprio discurso, assim como a filosofia, a física, as ciências sociais, etc. As credenciais científicas de uma disciplina estão na lógica ou disciplina central para a sua prática.

A História construiu uma disciplina própria, seu próprio discurso de demonstração. Os historiadores marxistas, através de suas práticas de conhecimento, vêm elaborando uma *tradição* que dá corpo a uma série de conceitos e categorias que se caracterizam pela sua historicidade. Buscam uma lógica que está preocupada em se adequar aos fenômenos que estão sempre em movimento.

Por *lógica histórica* entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causalção, etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (instâncias ilustrações).³

2 Thompson, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 54-5.

3 Idem, *ibidem*, p. 49.

A teoria histórica tem por função refinar conceitos, noções, categorias, como instrumentais para a produção do conhecimento histórico. A teoria não pertence apenas à esfera da teoria: “toda noção ou conceitos surge de engajamentos empíricos e, por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua auto-interrogação, esta deve ser remetida a um compromisso com as propriedades determinadas da evidência”.⁴

A dialética do conhecimento histórico consiste neste diálogo entre uma *tese* (o conceito ou hipótese), posta em relação com suas *antíteses* (determinação objetiva não-teórica). A História realiza este diálogo. A prática deste conhecimento “é uma representação adequada (embora aproximada) da seqüência causal, ou da racionalidade, desses acontecimentos, e conforma-se (dentro da lógica da disciplina histórica) a um processo que de fato ocorreu no passado”.⁵

A teoria da História é fruto do próprio trabalho da tradição dos historiadores.

Conhecimento teoricamente informado

O conhecimento histórico adquire seu *status* científico enquanto procura ser um conhecimento teoricamente informado. Trata-se do resultado de um duplice diálogo: o diálogo entre o *ser social* e a *consciência social*, representado na *experiência* humana, e diálogo entre a *organização teórica da evidência* e o *caráter determinado de seu objeto*.

A construção das tramas do fato social – *ser social* objetivamente existente, com seu inquestionável estatuto ontológico, – presencia-se de forma concomitante na *consciência social*, seja como uma cultura, mesmo que não autoconsciente, seja em forma de mito, de ciência ou de lei, de ideologia articulada e construída. Consciência esta que volta sobre o ser social, que se informa ainda mais de pensamento – e de pensamento que é vivido. O acento sobre o ser social (a empiria) ou sobre a consciência social como prioritariamente determinante é que define o movimento pendular: empirias/processos ideológicos. Thompson constata que hoje se atribui grande importância aos processos ideológicos.

A “coisa”, o ser social, não é inerte. Os acontecimentos são ágeis, não são inertes. São a construção da *experiência* que é a “categoria que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”.⁶

4 Idem, *ibidem*, p. 54.

5 Idem, *ibidem*, p. 54

6 Idem, *ibidem*, p. 15.

A experiência está em toda parte, nas ações cotidianas dos indivíduos e dos grupos sociais, construindo coisas de maneira ativa, sem esperar passivamente o ato do conhecedor “científico”, diz Thompson. É o resultado necessário do diálogo entre o ser social e a consciência social.

O conhecimento teoricamente informado é, ainda, um *diálogo entre a organização teórica da evidência e o caráter determinado de seu objeto*.

A evidência, com suas propriedades determinadas, é interrogada pela *lógica da História* – uma disciplina construída pelos historiadores. O tribunal de recursos da disciplina é sempre a evidência e não um corpo definido e fechado de conceitos – uma teoria pré-dada.

Thompson enumera oito proposições desta *lógica da História*, constituindo-se em um conjunto de afirmações de extrema utilidade para a reflexão sobre o fazer História. Ressaltamos, no momento, suas considerações sobre o *processo histórico*, exatamente esta organização teórica da evidência. A palavra com Thompson:

O passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária de comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras... Na medida em que essas ações e relações deram origem a modificações, *que se tornam objeto de investigação racional*, podemos definir essa soma como um *processo histórico*, isto é, *práticas ordenadas e estruturadas de maneiras racionais*. Embora essa definição surja em resposta à pergunta formulada, essa não “inventa” o processo... Os processos acabados da mudança histórica, com sua complicada causalção, realmente ocorreram, e a historiografia pode falsificar ou não entender, mas não pode modificar em nenhum grau, o *status ontológico* do passado. O objetivo disciplina histórica é a consecução dessa verdade da história.⁷

O *status ontológico* do passado, portanto, garante a compreensibilidade do processo. Este processo, por sua vez, no momento de sua construção – dado o diálogo entre ser social e consciência social – é um acontecer indeterminado, inacabado. A experiência garante a não predeterminação do processo. Mas, enquanto se constitui, adquire uma lógica racional ou de pressões determinantes. Por isso, as categorias são definidas em contextos próprios, sofrendo continuamente uma redefinição histórica. Estas são reflexões que poderíamos considerar como fazendo parte das características mais profundas da dialética marxista.

A *historicidade* das categorias e dos conceitos nos diz claramente que eles não podem ser tomados como modelos, mas apenas como *indicadores de expectativa*. Nos ajudam e facilitam a indagação das evidências – não se submetem a regras. Mas apre-

7 Thompson, E. P., op. cit., pp. 50-1.

sentam generalidades e elasticidades que precisam ser especificadas no confronto com as evidências. Ex.: exploração, hegemonia, luta de classes, feudalismo, etc. São conceitos abertos, formativos e modeladores.

Materialismo histórico e teoria da história

Thompson parte de uma constatação várias vezes repetida de que existe, concretamente, uma tradição historiográfica e teórica já consagrada pela prática de historiadores marxista. Constata, ainda, que o Materialismo Histórico, desde antes de Marx, já vem buscando explicações que denotam as uniformidades e os processos históricos, as regularidades das formações sociais não como necessidades regidas por leis ou por coincidências fortuitas. Trata-se, muito mais, de pressões moduladoras, de articulações de práticas humanas.

Nesta altura, podemos ressaltar alguns enfoques que se constituem na contribuição específica Thompson nesta trajetória da tradição do Materialismo Histórico.

A luta de classes permanece uma categoria explicativa chave em sua obra. Determinação enquanto condições objetivas, não anula e não obstaculiza a auto-atividade de sujeito histórico que não permanece inerte. A classe operária “se fez a si mesmo tanto quanto foi feita”.⁸ O embate entre o ser social (as forças condicionantes da trama do real) e a consciência social operante (os sujeitos exercendo suas vontades nos limites do possível e do desejável) constitui o real social, que é determinado apenas depois de realizado. O processo de construção desse real social é, por definição, indeterminado. Depende das forças em luta, na construção do mundo indefinido pelos ideais, vontades e valores que dominam os diferentes interesses dos grupos antagonônicos.

Por isso, estes grupos são forjados no impacto da luta. Eles existem e se firmam no processo das disputas, das conquistas e das derrotas “a luta de classe é conceito anterior ao de classe, a classe não antecede, mas surge da luta”.⁹ A determinação é uma experiência das mais dramáticas, mas, ao mesmo tempo, das mais construtivas. Porque a História é exatamente a sua história.

A experiência humana, portanto, expressa o que há de mais vivo na história. É a presença de homens e mulheres retornando como sujeitos, construtores do devir e do presente. Não são as estruturas que constroem a história. São as pessoas carregadas de experiência. Claro que não são sujeitos autônomos nem “indivíduos livres”. Suas

8 Idem, *ibidem*, p. 121.

9 Idem, *ibidem*, p. 121.

situações e suas relações produtivas lhes são determinadas como necessidades (ninguém trabalha simplesmente como quer, nem a remuneração ;é sempre condizente com suas necessidades). As contingências históricas exerce pesada presença na vida de cada pessoa. São os antagonismos aos quais todos estamos submetidos.

Pois bem, essa experiência é trabalhada na consciência e na cultura das pessoas e dos agrupamentos de pessoas, de acordo com suas afinidades. A *cultura* é engendrada no âmago da experiência social, toma corpo, constrói uma coerência interna e passa a atuar, por sua vez, no embate de outras experiências. O conjunto destas experiências, de classe dominada ou de classe dominante, orienta, dá os vetores e os caminhos das novas lutas. O grau de consciência social conquistado na experiência e na cultura determina os caminhos da história que, no processo, é indeterminada.

Um dado importante na obra de Thompson é a constatação de que a experiência e a cultura não são vivenciadas apenas como idéias e no campo do pensamento. A experiência passa a ser experimentada como *sentimento*, como parte da vida cotidiana, que é incorporada na cultura em seu sentido mais concreto: normas criadas, obrigações familiares e de parentesco, organização da vida urbana ou rural, etc. Passa a constituir um conjunto de valores que atuam imperceptivelmente nos meandros da vida inteira dos indivíduos e das classes assim constituídas e construídas. Experiência que deixa suas marcas profundas também nas formas mais elaboradas da sociedade, como arte, o direito, a religião.

Assim, a *moral* não está fora do alcance dos processos conflituosos entre as classes. Seu surgimento, fixação e transformações estão umbilicalmente relacionados com as experiências da formação das classes sociais. A moral não pode ser concebida como um corpo que paira sobre as classes e os indivíduos, caracteriza pela inércia das essências imutáveis. Na verdade, “... toda contradição é um conflito de valor, tanto quanto um conflito de interesses [...] toda luta de classes é ao mesmo tempo uma luta acerca de valores”.¹⁰

Consciência social, experiência, cultural, valores, luta de classes, classes sociais, são, dentre muitos outros, o universo teórico-metodológico-histórico em que Thompson exerce seu ofício de historiador. E muito tem nos ajudado em nossa caminhada.

O trabalho teórico de Thompson está presente em suas obras de historiador, e em suas polêmicas com historiadores, de sua tradição marxista ou de outras tradições. Mas também está presente nos embates políticos empreendidos no seio do Partido Comunista britânico. Já independentes deste, após 1956, batalha na idéia fixa das con-

10 Thompson, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 189-90.

dições para a implantação do Socialismo – e nas questões candentes do mundo contemporâneo, como o desarmamento nuclear, a ecologia, as minorias.

O legado de Thompson é, sem dúvida, incomensurável. A reflexão por ele deixada sobre a Teoria da História e sobre a História é um rico manancial para se recuperar questões primordiais para os historiadores de hoje e de sempre:

- Que tipo de conhecimento o historiador produz?
- Para que serve? Qual sua validade?
- Qual a dimensão política da comunidade de historiadores?
- Qual o lugar das contribuições de Thompson no conjunto do currículo das academias?
- Qual sua relação com as historiografias francesas praticadas mais recentemente?
- Como pensar o inter(trans)disciplinar: a Filosofia, a Lingüística, etc., etc., etc.?